

Apresentação

Já na convocação do número da revista *outra travessia* que aqui apresentamos, cujo título testemunha essa orientação ao chamamento operado pela Voz, propusemos a relação entre a poesia e dois gestos cuja materialidade poderia (deveria) ser problematizada, a voz e a escuta. Ao mesmo tempo, associávamos a poesia a esses dois gestos inexoravelmente ligados e relacionais, propondo um desafio, não apenas à poesia, mas ao crítico que devia colocar a sua reflexão num moto contínuo de desidentificação.

Dizíamos ali: com Jean-Luc Nancy, sabemos que, no cerne de toda reflexão sobre a linguagem, há uma compreensão de que não haveria voz sem escuta, nem escuta sem voz. Nessa relação são jogadas as batalhas constitutivas da política e da estética desde a antiguidade e, nas últimas décadas, ela ganhou um interesse redobrado para o pensamento teórico crítico. Nos últimos anos, a relação entre voz e escuta na arte acabou encontrando na poesia um espaço privilegiado, não de resolução das tensões e dissimetrias entre quem diz e quem escuta, mas de evidência do impasse, do vazio, do abismo, da eterna e inelutável cisão entre som e sentido. Essa cisão, entretanto, promove o atrito de sons e *sens*, de dados e ecos, que fulgura na poesia, e que constitui o encontro mais breve e sutil e, no entanto, também o mais concreto possível, entre nossa subjetividade singular e o ambiente material que nos cerca, quer seja, o atrito produz energia.

Dizíamos, ainda, que o pensamento sobre a voz e a escuta da poesia abre, para além dos seus fundamentos na filosofia da linguagem, um imenso leque de linhas reflexivas. E apontávamos alguns entre os inúmeros caminhos possíveis para a reflexão: pensar a voz pode ser problematizar, por exemplo, a *Stimmung*, a tonalidade emotiva que abre a poesia ao seu ser e à sua morte; a musicalidade da poesia e com ela o questionamento da representação na arte; a retórica e a poesia como perfor-

mance. Pensar a escuta pode ser problematizar, por exemplo, os modos de trabalhos com a tradição, como se devolve uma dicção datada, crônica, a um uso ana-crônico, porém, potente; a abdicação e a reinstauração da voz própria frente ao impróprio, no processo de criação de subjetividades, comunidades.

Dos caminhos apontados alguns ficaram impensados, como um sinal para novas pesquisas; outros, ressoam nos artigos que, por sua vez, trouxeram novas nuances, novas harmonias, outras saudáveis dissonâncias.

Porém, não nós pareceu casual que, mesmo sem ser parte explícita do texto que nos convocava, *o outro* seja uma das questões recorrentes nos textos que agora, com satisfação, publicamos. A partir deles, justamente, começaram a se desenhar alguns eixos possíveis de leitura, para agrupar os textos por certas preocupações recorrentes, que encenam a mesma preocupação em diversos. Na primeira parte, a qual chamamos de *A Voz, o outro*, os textos se concentram por um ou outro viés, tomando por vezes objetos posicionados em tempos e espaços muito diferentes, especialmente no problema da voz e da escuta no seu gesto relacional, abrindo, nesse sentido, a reflexão a questionamentos filosóficos e éticos em torno da comunidade e da responsabilidade. É o caso do artigo de Maurício Mendonça Cardoso que abre o número: a partir de uma sutil leitura do *corte* que em todo poema se mantém irreduzível à completude de sentido que a leitura – e a tradução enquanto leitura – procuram, o autor se pergunta pela responsabilidade na relação entre o eu e o outro, questionando a possibilidade de dizer esses nomes com clareza e estabilidade. Instala-se desse modo uma observação ética que impacta diretamente na prática da tradução, tal como será retomado no artigo de Marcus Salgado sobre o trabalho do tradutor João Barrento. Também o artigo de Diego Bentivegna de certa forma trilha a pergunta levantada por Maurício Mendonça Cardozo em torno da responsabilidade. Na recolha de cantos populares, na sua antologização e interpretação sempre há implicado um gesto em relação ao outro, se alguns desses recoletores/leitores tenderam a domesticar aquilo que ouviam dos habitantes do interior argentino, outros se dispuseram a escutar uma voz não previamente formada, que não se alinhava aos moldes conformadores do exotismo diante da alteridade da cultura popular, nem podia ser subsumido a uma matriz hispânica.

A pesquisadora Gabriela Milone apresenta um mapa exaustivo da questão da voz no trabalho de alguns filósofos contemporâneos que serão retomados, de diversas formas, no resto dos artigos. Como, por exemplo, no de Vinícius Honesco que, realizando uma arqueologia da constituição da linguagem humana, na qual a tensão entre uma voz articulada e a Voz como negatividade pode ser pensada no sentido

de mais uma modulação da tensão entre o um e o outro. Tensão que, como observa Cristina Henrique da Costa, também atravessa a não distinção dos registros discursivos na obra de Henri Meschonnic. Assim como os atritos entre musicalidade e letra propostos na ideia de poema-partitura de Annita Costa Malufe e Sílvio Ferraz.

O artigo de Paola Ghetti, último da primeira seção, que faz ressoar as colocações de Gabriela Milone, funciona como uma ponte mais direta para o centro propulsor e, ao mesmo tempo, catalizador da proposta do número: a tradução ao português da primeira parte do livro *À l'écute* de Jean Luc Nancy que, através de uma aguda e estremecida reflexão sobre a relação entre o som e a palavra, intervém tanto no pensamento contemporâneo sobre estética e política, mesmo que insistamos no questionamento de uma distinção entre esses âmbitos.

A terceira parte se abre com a reflexão de Ana Porrúa que, entregue à escuta da poesia contemporânea observa que está esta, sim, atravessada pela voz, pela oralidade, pela visualidade, mas que, ao mesmo tempo, trabalha insistentemente na letra, como um resto, ou uma ruína da qual a poesia não consegue se desvencilhar. A letra seria o que resta para a poesia focada por Porrúa, e não a Voz, como sucederia na poesia de Hilda Hilst, tal como mostra Luciana Tiskoski. Em contraposição, esse interesse pela letra que resta aparece diluído na reflexão de Goiandira Ortiz e Olliver Mariano Rosa que percorrem a ideia de poesia enquanto *performance*, tomando como ponto de partida a assimilação da ideia de voz à de oralidade. Também como restos a serem lidos, ou sons a serem escutados, se apresentam o corpo, o biográfico ou a história, isto é, aquilo que alguma vez fora o referente, nos poetas e artistas trabalhados nos artigos de Maiara Knhis, Joacy Neto Ghizzi e Mario Cámara.

Sem pretender, com esta apresentação, deixar certezas, mas ressonâncias dos nossos próprios percursos de leitura, abrimos agora a cena para que leitores e textos se entreguem à escuta.

Susana Scramim

Luciana di Leone

